

## O PERSONAGEM DE FICÇÃO: BREVES CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Erick Pablo Alves dos SANTOS (G-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é discorrer brevemente sobre a personagem de ficção a partir de algumas concepções teóricas (CÂNDIDO, 2009; BRAIT, 1987; SANT'ANNA, 2012). Além disso, como forma de aliar a teoria à prática, posteriormente a partir das ações de alguns personagens do livro *O Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, buscaremos identificar em que tipo de personagens os mesmos se enquadram. Para tanto partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico que, ao final, mostrou que mesmo em narrativas de estrutura simples, pode-se encontrar personagens complexos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagens. Análise estrutural. Texto narrativo.

### INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é discorrer brevemente sobre a personagem de ficção a partir da concepção teórica de (CÂNDIDO, 2009; BRAIT, 1987; SANT'ANNA, 2012). Além disso, como forma de aliar a teoria à prática, posteriormente a partir das ações de alguns personagens do livro *O Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, buscaremos identificar em que tipo de personagens os mesmos se enquadram. Para tanto partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico que ao final, mostrou que mesmo em narrativas de estrutura simples, pode-se encontrar personagens complexos.

O presente trabalho divide-se em três partes. A primeira apresenta os referenciais teóricos que são necessários para a identificação do personagem; a segunda desenvolve a análise sobre os personagens do livro *O Meu Pé de Laranja Lima*, fazendo uma breve análise de alguns. E a terceira e última parte diz respeito à conclusão.

### UM BREVE ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE PERSONAGEM

Como é sabido, para a concretização de um texto narrativo são necessários elementos como personagem, espaço, tempo, enredo, por exemplo. Estes são comumente denominados de elementos da narrativa. Cada um desses elementos tem recebido a atenção de estudiosos que buscam esclarecer o que é e qual a relevância de cada um dentro do texto narrativo. No que se referem a personagens, em específico, autores como Cândido (2009), Brait (1987), Sant'Anna (2012) trazem importantes contribuições sobre eles.

Nesse sentido, para Cândido (2009), personagem é um ser fictício, mas que é construído de tal maneira pelo autor que, em muitos casos, o personagem é como se fosse uma extensão do ser

humano. Ainda para Cândido (2009), o personagem pode ser classificado como personagens de costumes ou personagens de natureza, sendo que “personagens de costumes” trazem elementos/características de personalidade fortemente marcados, que podem influenciar o desenrolar das ações na narrativa. Além disso, essas características são invariáveis e reveladas com antecedência de tal modo a fazer com que o leitor se convença de que o personagem é o que realmente demonstrou no começo do texto. Quanto aos “personagens de natureza”, para Cândido (2009), esse tipo de personagens se constroem ao longo do enredo, pois ao contrário dos personagens de costumes, os de natureza não trazem características identificáveis logo no início do texto. Elas se desenvolvem ao longo da narrativa, podendo se mostrar irregulares, isto é, não se apresentarem de forma uniforme no texto.

Cândido (2009) se utiliza de outros modelos para embasar suas teorias como, por exemplo, aos modelos propostos por Foster (1949), quais sejam: personagens planos e esféricos. Nos personagens planos (FOSTER, 1949 apud CÂNDIDO, 2009), assim como nos personagens de costumes de Cândido (2009), as características do personagens são facilmente reconhecidas, pois são reveladas já no início da narrativa e as mesmas não sofrem alterações. É o caso, por exemplo, do “bom moço” ou da mocinha/heroína das histórias. Em suma, pode-se dizer que personagem plano (FORSTER) e personagem de costumes (CÂNDIDO) se equivalem.

Já os personagens de natureza de Cândido (2009) se identificam com os personagens esféricos de Foster (1949, apud CÂNDIDO, 2009), pois ambos os teóricos entendem que esses personagens são complexos. Ou seja, são personagens que não são facilmente identificados quando às suas características/personalidade, podendo surpreender a qualquer momento. Por isso não são previamente caracterizados no texto. Muito pelo contrário, ao longo da narrativa suas características vão sendo reveladas e, por isso, o rumo da narrativa pode mudar totalmente em razão da personalidade desse tipo de personagem.

Ainda em relação à personagem, Beth Brait (1987) desenvolve um estudo no qual discute quanto o personagem imita o real, a tal ponto que chega a parecer que os personagens representam pessoas. Nesse sentido, no que se refere à construção e análise do personagem,

A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos as linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor, ou num conjunto de obras de vários autores, temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise, pela perspectiva crítica e pelas teorias utilizadas pelo analista. (BRAIT, 1987, p. 68)

Para Brait (1987), o personagem pode ser classificado a partir da sua relação com o narrador, pois para ela o personagem pode aparecer no texto como o ser que vive a história

(personagem) e ao mesmo tempo o que narra todo o enredo (narrador), podendo ser o inconsciente, no caso o pensamento, e também pode ser um observador que acompanha e conhece a história dos demais personagens. Com isso Brait (1987) classifica o narrador em primeira pessoa como o personagem que é a câmera, e o narrador em terceira pessoa como se fosse uma câmera que finge os registros e constrói os personagens. Nesse contexto, no que se refere ao narrador, para ela:

a condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. (BRAIT, 1987, p. 60)

Ou seja, o narrador em primeira pessoa é o que vive as ações que acontecem no texto e, ao mesmo tempo, é aquele que nos conta o que ele viveu/vive na história, trazendo os fatos que acontecem e os sentimentos vividos e sentidos pelo personagem-narrador no decorrer do texto.

Já em relação ao narrador em terceira pessoa, para Brait (1987), esse tipo de narrador tem uma câmera privilegiada, que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que ele quer retratar (BRAIT, 1987, p. 57). Em outras palavras, o narrador em terceira pessoa não é um ser que está vivenciando toda a história, mas um elemento que está de fora, observando tudo o que vai acontecendo e que vai encaminhando o enredo, atuando como se fosse um elemento distante dos personagens, colocando-se apenas como um relator de tudo o que acontece, não tendo envolvimento com nenhum personagem. Em suma, apenas observa a história e relata os fatos como ações, tempo e espaço.

## **ANÁLISE DOS PERSONAGENS NO ROMANCE *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA***

Geralmente somos influenciados, tocados por aspectos e/ou personagens que chamam a atenção ao longo de uma leitura de textos literários. A partir desse momento, em muitos casos, ficamos pensando no personagem e/ou o estudamos, ponderamos sobre o mesmo, assim como sobre o seu destino. Não raro, ao lermos qualquer romance, passamos a criar uma ideia de como é o personagem, de como vive, se veste, pratica suas atitudes. Nesse sentido, o leitor tem a liberdade de poder imaginar a figura de um personagem, ainda que o autor, muitas vezes, deixe registrado no texto aspectos que caracterizem esse personagem. Entretanto, sempre cabe uma leitura a mais. E fazer isso com os personagens de *O meu pé de laranja lima* é o objetivo agora.

*O meu pé de laranja lima* (1975), de José Mauro de Vasconcelos, embora seja uma narrativa de estrutura simples (SANT'ANNA, 2012)<sup>1</sup> é um texto no qual os personagens nos chamam a atenção, cada um por um motivo em particular, daí o interesse em buscar melhor entendê-los a partir desse estudo.

O primeiro personagem a ser analisado é Zezé, que é colocado como personagem principal do romance, pois o enredo do texto é contado e vivido por ele. Neste contexto, temos aqui um narrador homodiegético, isto é, o personagem conta e participa da história, como pode ser observado no trecho abaixo:

A GENTE (Zezé-narrador e o irmão) VINHA DE MÃOS DADAS, sem pressa de nada pela rua. Totoca vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas. Mas ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas. (VASCONCELOS, 1975, p.5 – grifos e parênteses nossos).

Zezé pode ser classificado como “personagem de natureza” (CÂNDIDO, 2009), pois é um personagem cujas características psicológicas vão sendo construídas ao longo da narrativa. E essas características não são uniformes, isto é, elas se alteram – ainda que de forma indelével. Isso se prova a partir do momento em que o personagem muda seu comportamento em determinados ambientes como, por exemplo, na escola, pois lá, de acordo com o narrador-personagem, ele muda completamente o seu jeito de ser: “E todos os dias fui tomando gosto pelas aulas e me aplicando cada vez mais. Nunca viera uma queixa contra mim de lá. Glória dizia que eu deixava o meu diabinho guardado na gaveta e virava outro menino” (VASCONCELOS, 1975, p.45).

Ainda em relação a Zezé, de acordo com a teoria de Foster (1949 apud CÂNDIDO, 2009) ele pode ser classificado como personagem esférico, pois esse tipo de personagem traz consigo ações que se adequam a cada situação, desenvolvendo momentos de maior drama que podem tocar o leitor. E isso se dá, por exemplo, toda vez que aparentemente o menino sente amor e cuidado por seu irmão menor (Luís), mostrando a ingenuidade e carinho pelo mesmo.

<sup>1</sup> Sant'Anna (2012) classifica o texto narrativo de duas formas, a narrativa de estrutura simples e a narrativa de estrutura complexa

A narrativa de estrutura simples, para Sant'Anna (2012, p. 27) “acha-se ligada ao mítico e ao ideológico, e pretendendo ser com continuidade do real termina por descentrar-se. Situa-se no polo da denotação e do significado”. É uma estrutura mais simples, e de até mais fácil entendimento por parte do leitor, pois se utiliza de um modo menos formal de linguagem.

Já a narrativa de estrutura complexa é para Sant'anna (2012, p.27) “uma ruptura com o ideológico na sua versão do real e distancia-se do mítico para se desenvolver no imaginário-em-aberto. É a narrativa centrada em si mesma, situando-se no polo da conotação e do significante”. Com isso Sant'anna (2012) quer dizer a narrativa complexa se baseia pela conotação que é algo mais complexo, no qual o sentido das coisas não é o que está dicionarizado.

Assim a estrutura complexa abre a mente para o imaginário, adquirindo distância do que é próximo a realidade e se aproximando do que pode ser inventado na base do inconsciente, ou seja, o que não é real.<sup>1</sup>

Outro personagem que tem grande relevância para o seguimento do texto é o personagem de Manuel Valadares, apelidado no texto de Portuga. Esse personagem também poderia ser classificado como personagem principal, pois segue a mesma linha de conceitos sobre o personagem Zezé. Ambos protagonizam os conflitos centrais do texto, atingindo em vários momentos o clímax da narrativa, como no excerto abaixo, por exemplo:

Ele alisou demoradamente os meus cabelos.

— Não é isso, meu filho. Não é isso. A vida a gente não resolve assim de uma só manobra. Mas eu vou te propor uma coisa. Não poderei tirar-te dos teus pais nem da tua casa. Se bem que gostasse muito de o fazer. Isso não é direito. Mas de agora em diante, eu que gostava de ti como um filhinho, vou te tratar como se fosses mesmo o meu filho.

Eu me ergui exultante. (VASCONCELOS, 1975, p.101)

Em relação à classificação do personagem, Portuga também poderia ser considerado como um “personagem de natureza” (CÂNDIDO, 2009). Apesar de esse personagem não aparecer desde o começo da narrativa, ele passa a chamar a atenção no romance a partir do momento em que aparece no texto. Seu surgimento na narrativa trará outros rumos para as ações do personagem principal. E no primeiro momento da aparição do mesmo na narrativa, aos olhos do narrador-personagem, ele nos é apresentado como o vilão da história. Mas isso mudará, posteriormente. Por isso, podemos dizer então que esse personagem se enquadraria no conceito de personagem esférico proposto por Foster, 1949 (apud CÂNDIDO, 2009), pois esse personagem, durante suas ações e aparições em determinados momentos no texto, chega a surpreender o leitor de maneira convincente, pois a partir de dado momento no texto esse personagem passa a ser imprevisível, mostrando as características do personagem de diferentes formas, colocando em primeiro momento uma característica de vilão e terminando a história com bom homem, decorrente ao sentimento de Zezé por ele através de suas ações.

E, por fim, vale a pena comentar algo acerca do pai de Zezé. Ele pode ser entendido como um personagem de costume (CÂNDIDO, 2009), pois carrega a mesma característica psicológica ao longo de toda a narrativa, alterando apenas no final, assim como os demais.

## CONCLUSÃO

Conclui-se ao final da análise que, embora a obra aqui analisada tenha uma estrutura simples, a mesma traz personagens que podem surpreender e com relativa carga de complexidade, principalmente Zezé.

Conclui-se também que Zezé, em particular, é um personagem que, ao longo da narrativa, apresenta alterações comportamentais e psicológica, podendo, por isso, ser classificado como

personagem de natureza (CÂNDIDO, 2009), assim como pode ser considerado como personagem esférico (FOSTER, 1949 apud CÂNDIDO, 2009).

E, muito embora, os demais personagens sejam personagens de costume (CÂNDIDO, 2009), a complexidade, ainda que de fácil compreensão dada à linguagem do livro, é tão forte e a obra de uma densidade dramática tão grande que a mesma merece estudos – seja para estudar mais a fundo os personagens, seja para analisar justamente a questão dramática do texto.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3 ed. São Paulo/SP: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de Ficção**. São Paulo/SP: Perspectiva, 2009.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Análise estrutural dos romances brasileiros**. São Paulo/SP: Editora Unesp, 2012.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. 2 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1975.

